

EDUCAÇÃO PERMANENTE EM MOVIMENTO - UMA POLÍTICA DE RECONHECIMENTO E COOPERAÇÃO, ATIVANDO OS ENCONTROS DO COTIDIANO NO MUNDO DO TRABALHO EM SAÚDE, QUESTÕES PARA OS GESTORES, TRABALHADORES E QUEM MAIS QUISE SE VER NISSO

Emerson Elias Merhy

Professor Titular de Saúde Coletiva.
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Campus Macaé.
E-mail: emerson.merhy@gmail.com

Construindo um certo problema: da imobilidade emerge a mobilidade

Tomo a liberdade de citar e refletir sobre uma fala do músico Marcelo Yuka, em outubro de 2014, que em certo momento diz que depois de muito tempo percebia que da sua imobilidade se movimentava.¹

Esse artista tinha levado 8 tiros, em uma situação de violência e roubo, que lhe causaram várias sequelas, como: paraplegia, perda do controle sobre um dos braços, além de ter ficado entre a vida e a morte após o acontecimento.

Músico e militante em Comunidades do Rio de Janeiro, logo imaginou que a vida lhe tinha escapado. Como iria subir os morros, encontrar com meninos e meninas dali e criar atividades artísticas com eles. Não seria mais capaz.

Por muitos anos ficou muito pouco ativado para criar coisas novas, não conseguia ver em si outras potências de produção de conexões existenciais e realizar práticas de si que lhe permitissem agir em coletivos com outros.

Óbvio que aquele trágico acontecimento não ficou impune, já estava desde o começo agenciando Yuka para algum lugar e parecia que o de despotencialização do viver era o mais evidente, entretanto há um momento que percebe que algo lhe acontecia para um novo campo de sensibilidades e de atividades que nunca tinha tido. Seu olhar sobre si abre novas linhas de

possibilidades, passa a ver coisas que não via, passa a falar coisas que não falava: a imobilidade me movimentava.

O seu corpo sensível estava em total construção de si, sem parar.

Antes, não era comum pensar nisso e desse modo, ou mesmo a possibilidade de admitir esse processo nas situações anteriores as sequelas que tinha tido. Viu-se positivamente afetado naquilo que era o morrer em vida.

Na sua entrevista relata que vai, então, voltando a criar desejos novos para participar dessa nova possibilidade de mundo. De novos mundos que estavam aí sendo produzidos. Volta a criar artisticamente e a se engajar em lutas sociais. Lança-se candidato a vice-prefeito na chapa do Freixo para a Prefeitura do Rio de Janeiro, em 2012.

E, aí fica uma pergunta, dentre várias: o que mudou de fato.

Sem dúvida, muitas coisas, mas o que destaque nessa história toda é o fato de que quando somos invadidos por novos regimes de visibilidades e de dizibilidades, por campo de afetações não previsíveis, em muitos casos, mas previsíveis em outros, novas possibilidades de mundos são criados, e em muitos deles uma fragilidade se potencializa; da desprodução da vida, vira-se o contrário.

Talvez isso tenha muito a ver com a Educação Permanente.²

Do que estamos falando, quando nos deslocamos para o campo da formação no mundo do trabalho

Ali, no dia a dia do fazer as práticas de saúde, pode ser que um grupo de trabalhadores esteja conversando sobre como agir com a dona Isaura ou o senhor Antônio José e troquem ideias sobre isso. Essa conversa pode estar ocorrendo ali no café, em um espaço dentro de um

estabelecimento qualquer (uma casa onde a equipe de saúde da família se reúne, uma sala de refeições em um hospital, um ambulatório, numa saleta de uma UPA, ou qualquer outro tipo de lugar, como a calçada onde uma equipe de consultório de rua se encontra).

Nessa conversa, há grande chance de alguns que estão ali se afetarem com o que está sendo falado e passarem a ver e agir de outro modo em relação aos casos. Pode-se imaginar que ainda seja necessário saber mais da vida de cada um ou que algum novo exame possa ser feito. Pode ser que alguém pense que nem problema tão grave deve ser e que talvez formar um grupo com profissionais responsáveis por eles, como uma equipe de cuidadores, possa ser uma oferta de vínculo interessante.

Muitas coisas podem acontecer ali, na roda de conversa no café, no corredor, em qualquer “espaço” inventado como tal pelo coletivo que ao se encontrar, em si inventa um arranjo.

Ainda pode ser que façam exatamente o contrário.

Podem criar barreiras para a dona Isaura e o senhor Antônio José, pois não aguentam mais vê-los. Inventam juntos, ou retiram de um repertório que já construíram para isso, várias estratégias para “eliminá-los” do serviço. Vão criando barreiras ao cuidar. É como se pudéssemos no mundo do cuidado produzir não acesso realizando acesso.³

Destaco, aqui, que essas rodas de conversa não pedem licença para nenhum organograma oficial de um serviço, nem para nenhuma hierarquia de uma organização. Vão acontecendo no agir do trabalho vivo em ato de cada um e de todos, nos espaços informais que vão inventando no entre os formais de uma organização, ou seja, os próprios trabalhadores (ou qualquer tipo de agente institucional que aí se instala, como os próprios gestores G e os usuários, de um modo geral) vão fabricando em suas ações,

conversações, encontros, novos arranjos, etc.

Ali no dia a dia, isso vai ocorrendo em acontecimentos, alguns dos quais podem ser intencionais, porém muitos outros não. Pode ser só um ir acontecendo de encontros que por si agenciam novos processos coletivos, não dados antes e nem buscados antes.

Acontece que nesse acontecer vai se produzindo novas possibilidades de conhecimentos para a ação no campo da saúde e isso impacta, sem dúvida, o mundo tecnológico do cuidado.⁴ Pode ser que uma nova vista de um ponto de vista seja introduzido, deslocando os modos de olhar para o que antes já era um regime bem instituído de se ver, enxergar. Olhar e ver novos visíveis é em si novos acionamentos de formas de conhecimentos antes não dados.⁵

Pode ser que vejam que o Sr. Antonio José e dona Isaura estabelecem uma ritualística de cuidados mútuos nunca vistos pela equipe e isso levar a uma mudança profunda na exploração de novas potências relacionais entre todos, inclusive provocando outros tipos de impactos terapêuticos sobre eles, ao se abrir um novo percurso para o campo das tecnologias leves cravadas nos atos de cuidar⁶, aliás território tecnológico bem poroso, pois abre-se para o não tecnológico dos encontros.⁷

Destaco que aí há não só produção de novos conhecimentos construídos coletivamente, mas também novos processos de formação, sem que se tenha formalmente designado esse como lugar de formação ou capacitação do trabalhador para o exercício das suas funções. Ali, como uma escola permanente, o mundo do trabalho sempre implica em processos formativos⁸, e mais, necessários para a própria atualização da prática de um certo grupo de trabalhadores. Esse território formativo não se iguala ao da educação continuada que está sempre marcado pela

exposição a conhecimentos a priori para se preparar para a ação. Aqui, o agir em si é formativo conduzindo a produção de novos conhecimentos ou atualizando alguns, no ato do cuidar.

O agir em si constitui-se de um conjunto de forças que atuam sobre quem o realiza, provocando formação do próprio protagonista, individual e coletivo, ao mesmo tempo que opera a produção do cuidado, no caso da saúde. Mas, isso não é obrigatoriamente transparente e óbvio.

Nem todo olho o vê. Mas acontece que esse movimento pode ser visto por um olho que tenha sido ativado para isso e que ao vê-lo o identifica como um movimento de educação permanente, porém isso não é uma necessidade pois mesmo sem ser visto esse movimento vai acontecendo como prática e com seus efeitos. Ali no dia a dia, esse processo é constitutivo do próprio mundo do trabalho e vai ocorrendo no campo dos vários atores institucionais, sem pedir licença para ninguém e sem que precise ser denominado, como processo formativo, para ser de fato lugar de formação.

A intencionalidade não se faz necessária para a existência desse campo de práticas, ele está aí como um ir se fazendo pelas conexões em que se insere. Como se a presença dos outros e do campo do cuidado como um acontecer⁶, agenciasse sem que se precisasse pensar sobre isso. É nesse sentido um ir agindo, ir se relacionando, ir em exercício da própria prática de si.⁹

Entretanto, é interessante que possamos nos debruçar intencionalmente sobre isso tudo, pois há um modo possível de se agir nesses lugares com a intenção de aguçar a possibilidade de se reconhecer esse processo como constitutivo do mundo do trabalho, que em si já é uma escola de formação, das mais fundamentais! Podemos ambicionar a ativação desse processo na busca de novas visibilizações e dizibilidades sobre o mundo do trabalho e os processos formativos. Há vários exemplos nessa

direção.

Os médicos que o digam, pois nos últimos anos da escola médica, ao colocarem os internos para funcionarem como médicos de fato, ali no serviço, acabam dando o desenho mais efetivo do processo de fabricação do médico que sairá da escola médica, independente de toda estrutura curricular anterior que foi inventada, dos conhecimentos a priori que lhe foram inculcados e das exigências formais avaliativas que lhe impuseram. E que o digam todas as outras profissões da saúde, também, que cada vez estão mais dentro desse modelo de escola/formação.

Aliás, haja desperdício. Passa-se anos gastando vida, dinheiro e tempo para colocar alunos em salas de aula, procurando transmitir e transferir conhecimentos já estruturados para eles, sendo que lá no final só diante da prática efetiva do exercício profissional o processo formativo efetivamente se realiza. Não são poucos os relatos sobre a inutilidade da aprendizagem de nomes de segmentos do corpo anatômico, nos cursos de medicina, nas disciplinas “básicas”, que são decorados e não aprendidos, pois só se visa com isso as provas de avaliação realizadas, para se passar de um semestre a outro. Logo após a prova e a aprovação, como um passe de mágica a memória é dissolvida e todos aqueles nomes rezados mnemonicamente vão pelo ralo do pensamento representação e sistematizado.

Só, e só, se um certo aluno envereda por uma área de prática profissional que pede esse conhecimento como informação importante, retoma-se os estudos desses segmentos, agora não mais como conhecimentos representações decorados, mas como “conceitos” para serem vividos ali no agir profissional que se está implicado. Parece, que de novo como um passe de mágica, que o tal do conhecimento agora fica vivo no ato vivo da prática, como se fosse essa prática que lhe desse efetiva

acolhida e sentido e não o contrário, ou seja, a prática atualiza o conhecimento e o produz ali na produção dos sentidos no agir. O conhecimento que era representação a priori, fica em ato, vive ali no trabalho se misturando com várias outras ordens de conhecimentos que o agir pede e que não estão em campo estruturados de conhecimento, obrigatoriamente. Tema para a conversa sobre as valises tecnológicas do agir no mundo do cuidado, por exemplo¹⁰, e sobre a presença do outro em nós, no nosso modo de existir¹¹. Esse imbricamento entre o conhecimento dado a priori e a sua atualização no ato da produção é elemento chave para se compreender em profundidade a singularidade da produção do cuidado como acontecimento.

A possível ampliação do olhar permite, de modo intencional como um regime de visibilidade que se quer ter, ver coisas que não se vê regularmente nesse território do agir no mundo do trabalho: o quanto no cotidiano do fazer no campo de práticas se está permanentemente produzindo conhecimento, reafirmando conhecimento e agindo tecnologicamente no campo do cuidado. E isso se dá a partir do núcleo pedagógico central: o encontro com o outro e a troca de modos de agir e saberes, produzindo sentido ético e político para o seu fazer no campo da saúde.

Isso vai acontecendo com todos que estão ali no mundo do trabalho sem nenhum privilégio para os que são formalmente chamados de trabalhadores da saúde, ou mesmo profissionais de saúde. Não há diploma que elimine esses processos com todos.

Abrir um movimento que procure reconhecer esses acontecimentos, torná-los visíveis, pode ser uma boa aposta para mudar o eixo dos processos de formação e de capacitação no campo da saúde. Pode

ser um diferencial no campo da gestão no interior de uma organização de saúde, por reconhecer que todos fazem, todos sabem e todos governam nas organizações^{10,11} e, portanto, por mais controle que se queira ter sobre a ação dos outros, de fora para dentro, o máximo que se consegue é cooperação ou clandestinidade nos atos coletivos.

Esse reconhecimento da produção viva de práticas e saberes no cotidiano do trabalho tem implicações importantes. Não adianta uma política de indução simplesmente para que se aposte na construção de uma educação permanente, como muitos pensam, porque essa prática da educação permanente ocorre como parte constitutiva do mundo do trabalho em todas suas dimensões no campo da política, da organização e do cuidado¹², com efeitos sobre o próprio trabalhador, de um modo geral.

Ativar o olhar e o dizer sobre a educação permanente em movimento, ali no mundo do trabalho, é pegar o instituído de surpresa

Essa ativação pede uma possível maquinária? Não obrigatoriamente, mas pode-se usufruir disso, pois ter ferramentas que intencionalmente procurem ativar certos processos ou mesmo dar visibilidade para eles é um elemento que enriquece a abertura do fazer cotidiano, no mundo do trabalho, para a possibilidade de produção de muitos outros sentidos que o nosso modo instituído de fazer e o nosso conhecimento já previamente organizado nem sempre consegue operar. Desacomodar, desterritorializar do identitário é uma intenção positiva nessas situações.

Desse modo, não tem sido eficiente agregar ofertas de novos conceitos para que algo de modo crítico se produza de

dentro para fora. Veja que o limite do Yuka no começo de sua vida após o acidente não era de conhecimento, mas de sensibilidade. Ou seja, era o seu corpo sensível que não “via” e, assim, não pedia novos dizeres. O que mexe com ele é o corpo sem órgãos ou melhor o seu corpo aranha, aquele que lança suas teias pelo mundo através do sensível em nós e nesse enganche com o que vem em sua direção, abre-se para o corpo de órgãos. Como diz Deleuze¹³, pensamos porque a vida nos coloca questões que nos faz pensar e aí produzimos conceitos-ferramentas em nós e para nós, indicando que “pensar” o que já sabemos não é produzir pensamento, é repetir enunciados discursivos sobrecodificados.

Poder espelhar nisso e tentar produzir uma maquinária que nos arranque do instituído ou pelo menos nos agite, pode facilitar nossa desterritorialização existencial e com isso pode nos abrir para ver o que não vemos. Pode criar em nós novos sentidos e com eles criarmos novos mundos possíveis. Onde estava imóvel, vejo mobilidade. Onde estava vítima das condições de trabalho, vejo minha potência no meu trabalho vivo em ato.

Nesse caminho, o desafio é exatamente, então, o de colocar em novas experiências o corpo sensível para que possamos intencionalmente lançar nossas teias sensíveis e colher novas afecções, ali no mundo do trabalho. Operar pelo acontecimento do outro em nós e tentar registrar isso na nossa própria língua.

Óbvio que nesse exercício há também o reconhecimento que no mundo do trabalho várias afecções não planejadas já nos mobilizam, mas no exercício tornamos-nos mais sensíveis a esses e tiramos mais proveito para não sermos os campeões do mesmismo.

Um grupo, profundamente afetado por todas essas questões, desde 2003, vêm em busca desses processos e maquinárias, entretanto desde 2012 parte dele se colocou

a tarefa de explorar esse reconhecimento da educação permanente como um movimento dali do agir cotidiano, procurando dar novas visibilidades para isso.

Nesse processo de conversação e trabalho acabou por elaborar ferramentas facilitadoras para pegar o instituído de surpresa e inventou pelo menos 3 platôs nessa maquinária: o exercício de si com o outro, o diário cartográfico de si em uma multiplicidade de expressões e uma caixa de afecções. Transformou isso em um processo formativo de pegar o instituído em nós de surpresa e organizou um processo junto com o EducaSaúde, da UFRGS, em torno de uma coordenação centrada na Linha de Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde, localizada na UFRJ.

A vivência dessa experiência está em fase de registro e deverá dar lugar a uma produção bem extensiva. No momento, há milhares de trabalhadores das várias redes públicas de serviços de saúde vivenciando esse processo com uma instigante construção que já não pertence a um grupo específico.

Mas, talvez, uma das melhores formas de expressar o que essa formação tem conduzido seja a conversa sobre a noção de pesquisa interferência como um modo de conduzir uma certa capacidade de tirar potência do corpo sensível no acontecer do mundo do trabalho, com efeitos de várias ordens sobre o agir, o olho e a fala, tirando-se do encontro a força dessa experiência.

(...) a pesquisa interferência, ainda que tenha em comum muitos ou quase todos esses pressupostos da análise institucional, como produção de analisadores, etc, não tem o pressuposto de uma intervenção institucional. Mas, a colocação em funcionamento de um ruído, que cria visibilidades insuspeitadas, que cria possibilidades de expressão e de escuta.¹⁴

Explorando em todos os limites dos acontecimentos o quê o mundo do trabalho nos afeta, como uma escola permanente.¹⁵ Colocando a experiência como seu eixo e recolhendo isso como um experimentar de si, com os outros. Abrindo-se para o acontecimento como elemento de atização do que já fizemos de nós mesmos, convidando a novas formas e possibilidade do agir consigo e com o outro, conduzindo novas formas de conhecimento e atualização de outros.

O maior recolhimento que isso foi nos indicando é o reconhecimento da produção dos existires como uma Rede Viva, sempre tensa entre um repetir-se e um diferenciar-se de forma aberta e em produção, como multiplicidade. O maior recolhimento foi dar conta no acontecer de si a multidão em produção que pode nos habitar, a todos, e intencionar alguns comuns como elementos de pontes, como por exemplo, o posicionamento de que no cuidado a vida de qualquer um vale a pena, que em vez de fechar abre a todos aí inseridos uma simetria das diferenças como potência e não ameaça, podendo conduzir a ação de que a produção da vida do outro é do meu maior interesse e cumplicidade.

E, aí, apostar que se pode agir no coletivo de trabalhadores e usuários na direção de novas construções de si, nesse tipo de aposta deve implicar nos modos que temos praticados na construção de políticas governamentais na saúde.

Creio que um pouco de conversa sobre ponto de cultura e que todos governam no mundo do trabalho abre luz sobre essa implicação de um olhar, que vê no cotidiano do mundo do trabalho como uma escola, a educação permanente em movimento e o governar como um modo de ser de todos que aí estão, tornando isso um elemento constitutivo do outro e no outro.

Enfim,

Há que apostar na possibilidade de pedir emprestado para outros campos da política institucional regimes de visibilidades e dizibilidades, que permitam abrir novas janelas no âmbito das várias experiências governamentais. Nessa direção, olhamos para certas políticas governamentais no campo da cultura.

Aqui, toma-se como modelo a construção da política dos Pontos de Cultura, pelo MinC nos anos do Ministro Gilberto Gil (governo Lula) sob a batuta do Juca Ferreira. Nessas experiências, criou-se a noção de que todos fazem cultura nos seus territórios existenciais junto com seus grupos de conexão e que se pudermos criar um novo modo de enxergar a produção cultural, se a tiramos do âmbito do que o mercado diz o que é cultura, vamos ver produção cultural em um grupo de senhoras que costuram coletivamente em uma comunidade qualquer. Ou, que se juntam para cantar ou dançar. Ou, homens e mulheres que se juntam para criar um espaço comum de relações e praticam, por exemplo, capoeira ou apresentações teatrais, ou de poesias, ou, ou, ou...

Passamos a ver produção cultural onde não víamos, vemos novos modos de se fazer cultura e passamos a questionar a noção de cultura como aquilo que só ocorre por ação de especialistas em espetáculos específicos - no cinema, no teatro, na televisão, no rádio e por aí vai. Cultura e a produção da vida em si, nos coletivos e grupos, torna-se algo inseparável. O olhar sobre isso amplia nosso modo de enxergar a produção de mundos e a potência de suas diferenças.

Com isso, podemos passar a construir a possibilidade de olhar essas produções sob a ótica das práticas governamentais ao afirmar que no campo da cultura, como governo, quero reconhecer quem já está fazendo isso para apoiá-los no que precisam para se manterem nesses seus modos de agir com o recurso que for necessário, além de

abrir a possibilidade de conhecerem o que outros também estão criando, facilitando conexões em rede e trocas de experiências.

Enriquecer o meu agir na experiência do agir do outro.

Nessa política de reconhecimento e cooperação o MinC apoiou milhares de Pontos, inclusive no campo da saúde. Foram grupos de rádio, produzidos no interior do movimento antimanicomial, que reconhecidas como Ponto de Cultura, por exemplo.

Muito se inventou nesse período, intensamente instituinte no campo da prática cultural, com essa política. Ela funcionava como um dispositivo a provocar um “tirar do lugar para ir para outro, possível”, junto a muitos grupos em vários territórios existenciais, do Brasil. Quem pôde acompanhar e participar desse processo, durante seus primeiros anos de ação, sabe bem o que foi isso.

Como se apontou antes, temos nesse modelo dos Pontos de Cultura a mesma inspiração: reconhecer e cooperar no campo da Educação Permanente que é sempre em Movimento.

Hoje, há uma quantidade de recursos financeiros gastos pelos governos - federal, estadual e municipal - em capacitação, por meio da compra de cursinhos de formação, junto às universidades ou afins, que sabemos não serem capazes de mexer nos processos de intervenções no dia a dia do fazer a saúde. São muito restritos os impactos dessas formas de aprendizagem e já sabemos disso há muito tempo.

E o desafio central que procuro problematizar, aqui, nesse texto, é exatamente sobre isso: como agir então para criar novos sentidos no fazer governamental no campo da formação se o olharmos sob a perspectiva da Educação Permanente em Movimento.

Fica dessa forma a ideia que operar essas mudanças pertence ao campo de ação dos vários grupos, coletivos e governantes do campo da saúde, se isso lhes fizer sentido.

Referências

- ¹ Yuka, M. Entrevista. Rev Cult. (145):16-20 Acessado em: 19 nov 2014.
- ² Merhy, EE, Feuerwerker LCM, Ceccim RB. Educación permanente en salud: una estrategia para intervenir en la micropolítica del trabajo en salud. Salud Colectiva. 2006;2(2):147-160.
- ³ Gomes, MPC, Merhy, EE, organizadores. Pesquisadores IN-MUNDO: Um estudo da micropolítica da produção do acesso e barreira em saúde mental. Porto Alegre: Rede Unida; 2014: 55-87.
- ⁴ Gomes, MPC, Cipriano, RC, Freire, JT, Merhy, EE, Abrahão, AL, Silva, E, Vianna, L, Tallemberg, C. Acesso às multiplicidades do cuidado como enfrentamento das barreiras em saúde mental; Histórias de R-. In: Gomes, MPC, Merhy, EE, organizadores. Pesquisadores IN-MUNDO: Um estudo da micropolítica da produção do acesso e barreira em saúde mental. Porto Alegre: Rede Unida; 2014: 55-87.
- ⁵ Merhy, EE. Vista do ponto de vista, cuidado e formação em saúde. Vídeo aula, em Campo Grande, junho de 14. Disponível em: <http://saudemicropolitica.blogspot.com.br/2014/06/merhy-video-aula-em-campo-grande-junho.html>. Acesso em: 19 nov 2014.
- ⁶ Franco, TB; Merhy, EE. Trabalho, Produção do Cuidado e Subjetividade em Saúde. São Paulo: Hucitec, 2013.
- ⁷ Merhy, EE, Feuerwerker, L.C.M. Novo olhar sobre as tecnologias de saúde: uma necessidade contemporânea. In: Mandarino, ACS, Gomberg, E. organizadores. Leituras de novas tecnologias e saúde. São Cristovão, Salvador: UFS e UFBA, 2009: 29-56.
- ⁸ Silva, E. As múltiplas linguagens na teatralidade circense. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- ⁹ Foucault, M. Hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes; 2010.
- ¹⁰ MERHY, EE. Saúde: a cartografia do trabalho vivo. São Paulo: Hucitec, 2002.
- ¹¹ Merhy, EE, Gomes, MPC, Silva, E, Santos, MFL, Cruz, KT, Franco, TB. Redes Vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde. Sine data. Disponível em: <file:///C:/Users/becco_000/Downloads/RedesVivas,%20sinais%20que%20vem%20da%20rua.pdf>. Acessado em: 19 nov 2014.
- ¹² Merhy, EE. A Perda da Dimensão Cuidadora na Produção da Saúde: Uma Discussão do Modelo Assistencial e na Intervenção no seu modo de Trabalhar a Assistência. Disponível em: < www.hc.ufmg.br/gids/perda.doc > Acessado em nov 2014.
- ¹³ Deleuze, G, Guattari, F. Mil platôs - vol. 1 Capitalismo e esquizofrenia, 2ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- ¹⁴ Moebus, R. Apresentação em evento. Seminário de Pesquisa do Observatório de Políticas e Cuidado em Saúde. Setembro 2014. Programa de Pós-Graduação em Clínica Médica UFRJ. Rio de Janeiro – RJ.
- ¹⁵ Silva, E. O circo sua arte e seus saberes: O circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX: Dissertação de mestrado apresentada ao departamento de história do instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas: Universidade de Campinas. 1996.